

O jogo como profissão

A maioria das pessoas tem uma ideia negativa sobre os jogos de apostas online. Julgam que os jogadores não passam de pessoas com uma adição e descredibilizam, por isso, o trabalho que está por detrás de cada jogada. Fique hoje a conhecer as vicissitudes de quem dedica a vida ao póquer.

JOGO

Cláudia C. Sousa
claudiasousa@jornal24h.pt

E certo e sabido que o jogo, tanto o online como o de casino, pode ser altamente viciante, ao ponto de acarretar consequências drásticas na vida (e na família) dos jogadores compulsivos. Mas o que estará por detrás desta compulsão pelo jogo? E será que se trata mesmo apenas disso, de uma compulsão, de um vício, ou poderá também ser uma opção de vida, racional e consciente?

É nesta segunda hipótese que se situa Miguel Alexandre Barros, de 31 anos, madeirense que vive atualmente em Praga, República Checa, um dos locais preferidos dos portugueses que jogam póquer online.

Confessa que é apaixonado pelo póquer desde a altura em que descobriu este jogo, através dos amigos. Na altura corria o ano de 2009/10, e era estudante na Universidade da Madeira. Logo de início percebeu que este não era simplesmente um jogo de cartas, mas «um jogo de pessoas».

Miguel Alexandre Barros considera que o póquer envolve «tendências, padrões e estratégias», para além do componente «mental, emocional e comportamental» intrínseco a este jogo.

«É bem mais complexo do que as pessoas podem imaginar. Rapidamente fiquei fascinado com este jogo e fui evoluindo por experiência própria, procurando aprender com quem sabia mais do que eu, conta nos, descomplexadamente, Miguel Barros.

Entre 2010 e 2012 jogava póquer apenas nos tempos livres,



Os jogadores profissionais de póquer podem passar entre 12 a 14 horas por dia a jogar.

«de forma recreativa», com o «instinto de ganhar». Depois, com o tempo, apercebeu-se de que «tinha aptidão para o jogo» e decidiu, no final de 2012, desistir do curso que frequentava e tornar-se jogador profissional de póquer online.

PRECONCEITO

Miguel Barros confessa que nos primeiros tempos, após ter abandonado os estudos e dedicar-se exclusivamente ao póquer, a ideia não foi bem rece-

hida pela maioria das pessoas à sua volta.

«Tive problemas em explicar aos outros aquilo que fazia, pois eles tinham a tendência de associar as pessoas que jogavam póquer com «gamblers» (apostadores) e frequentadores compulsivos de casinos». Não era de todo o seu caso, clarifica. Até porque, na ótica deste jogador, é «estritamente acessório, nesta profissão, saber gerir os fundos, pois são uma parte fundamental da ferramenta

de trabalho».

INSTABILIDADE

Quem quer ingressar numa carreira profissional de póquer tem de conseguir lidar «emocionalmente» com o facto de não ter um «ordenado fixo», até porque qualquer profissional do jogo passa por três fases distintas, explica Miguel Barros. Há o «upswing», altura em que se ganha muito dinheiro; há o «downswing», período em que se perde dinheiro; e o «break-

even», período em que não se perde nem se ganha, ou seja, «a banca mantém-se igual». E, o importante para os jogadores, é ganhar mais do que perder, obviamente.

«Eu costumo dizer às pessoas que é necessário ser como a formiga que guarda comida do verão para comer no inverno», diz Miguel Barros.

PROFISSÃO SEM BORNAS

Este jogador acerto-se impeli-

54

fato de ser flexível, sem dias fixos de trabalho, tirando o «domingo que é um dia sagrado para um jogador de torneios online. É o dia em que estão mais pessoas online e os prémios são maiores», afirma Miguel Barro, salientando que vive uma carreira sem rotinas estipuladas, o que lhe dá um certo «poder».

O seu quotidiano rege-se por quatro ou cinco dias de jogo, um dia de estudo e um ou dois dias de folga por semana.

«Começo a jogar pelas 15/16 horas e em média trabalho nove horas e meia por dia, embora não tenha um horário fixo de saída, depende do quão longe possa chegar num torneio». O jogador diz que há torneios que podem durar entre sete a oito horas, e há dias mais intensos de trabalho, em que pode estar entre 13 a 14 horas em frente ao computador.

«Tenho cinco minutos de intervalo no fim de cada hora. O jantar é normalmente feito à frente do computador», afirma.

AMBICÃO E QUERER GANHAR

Miguel Barro admite que o póquer tem um lado competitivo que o atrai. É sobretudo a vontade e ambição de ganhar que o levaram a jogar. Mas nem é tanto pelo dinheiro, explica, é mais pelo desejo de ficar «em primeiro lugar».

«No fundo, é uma busca pela glória, pela vontade de subir ao lugar mais alto do pódio», e é ao mesmo tempo uma paixão.

«Como gosto intenso do que faço, não tenho aquele tipo de pensamento que muitas vezes as pessoas têm quando pensam que tem de ir trabalhar», afirma Miguel Barro, salientando que



Há pessoas que optam por uma carreira no póquer, de forma consistente, o que implica muito foco e disciplina.

“**É uma busca pela glória, pela vontade de subir ao lugar mais alto do pódio.**”

é fútil «estudar bastante, ter uma alimentação cuidada, dormir boas horas de sono e praticar exercício físico» para ser um profissional de póquer bem sucedido. Para além disso, o jogador realça a «humildade, a persistência, a determinação e a auto-análise como características essenciais no perfil de quem segue uma carreira no póquer».

A este propósito, Margarita Poínho, psicóloga e docente na

Universidade da Madeira, revela que é necessário ter uma «personalidade muito bem integrada e forte» para conseguir fazer face ao círculo vicioso em que se pode tornar um jogo de póquer. As oscilações entre os ganhos e as perdas trazem muita vezes «frustração», o que nem sempre é fácil de gerir.

VÍCIO VS PROFISSÃO

A psicóloga ouvida pelo JM afirma que um profissional de

póquer consegue ter prazer em outras atividades para além do jogo. O mesmo já não se verifica com quem desenvolve uma compulsão.

«Um profissional de póquer considera o jogo como uma atividade, e consegue dedicar-se a outras coisas, como à família por exemplo. Já um viciado tem uma vida fictícia, e esconde o vício dos outros. É como um alérgico ou um toxicodependente que omitem a



Os jogadores compulsivos omitem a vício.

Jogadores compulsivos devem procurar a ajuda de um especialista

Jogo pode ser uma droga

Para quem desenvolve a adição ao jogo, deve procurar ajuda junto de um especialista. Isto é, sem dúvida, o passo mais importante para conseguir deixar de jogar compulsivamente.

Margarita Poínho afirma que o tratamento a este vício assemelha-se ao tratamento dos toxicodependentes, sem a parte química. Por esta razão, o mais aconselhável é ser acompanhado

por alguém com sensibilidade para o tratamento de dependências.

A psicóloga, ouvida pelo JM, diz que para quem desenvolve esta patologia o mais indicado é dirigir-se ao médico de família que por sua vez encaminhará o jogador compulsivo para um psicólogo.

A terapia passa, sobretudo, por introduzir «a crença de que há

vida para além do jogo». O viciado tem de aprender a «ser pausado, reconhecer a, e auto-estimar fora da área dos jogos», explica a psicóloga e docente na UMa, salientando que o tratamento tem de ser feito de forma gradual, envolvendo a família, os amigos e os colegas de trabalho.

«É muito difícil sair desta dependência sozinho», afirma Margarita Poínho, JM.



539 jogadores pediram para serem impedidos de jogar

Jogo online vicia mais do que o casino

Segundo um artigo que saiu na semana passada no JN (edição de 29 de agosto de 2016), até ao início do mês de agosto, 539 jogadores pediram para serem impedidos de entrar em casas de apostas desportivas ou de jogos de casino online.

Os pedidos de autoexclusão do jogo online, uma medida prevista na lei, são quase o dobro dos que podem para não entrar em casinos. De acordo com este jornal, o perfil do jogador online é distinto do jogador de casino.

Os adeptos das novas tecnologias estão entre os 25 e os 30 anos, com pelo menos o 12º ano de escolaridade, na licenciada, com conhecimentos de informática, que por vezes incluem os meios de pagamento, os recursos financeiros, no fundo.

O jogo online é mais aditivo do

que o jogo em casino precisamente pela facilidade de acesso, e de poder jogar em tempo real e em simultâneo em vários sites, durante 24 horas.

No entanto, o representante do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos do Turismo de Portugal (SRJ), Paulo Lopes, disse recentemente que recebe pedidos diários de

uma a duas pessoas a solicitarem ser proibidas de entrar nos casinos.

«Desde uma medida de um ou dois jogadores por dia a pedir para os proibir de entrarem nos casinos», informou Paulo Lopes, durante uma intervenção nas IV Jornadas de Turismo da Escola Profissional de Massinhas (EPROMAT), que para a edição deste ano destacou o tema «Jogo e Turismo».

O representante do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos do Turismo de Portugal lembrou, falando para uma plateia de jovens estudantes de turismo, entre os 15 e os 20 anos de idade, que o jogo tem o seu «lado positivo e glamoroso», mas tem também um lado negativo, destacando que existem muitos dramas relacionados com o vício do jogo.

«Chamo a atenção para que o jogo tem aspetos positivos e negativos. Não se deslumbrem. O azar está lá e se tiverem de jogar, joguem de forma ponderada e responsável», apelou Paulo Lopes, que também admitiu que mais importante do que libertar jogos como o póquer, por exemplo, é «estabelecer regras».

«Naturalmente, as coisas têm de evoluir», disse Paulo Lopes, considerando que uma das soluções poderia passar «pela disponibilização de casinos restritos e pagos para passar os tempos de lazer nos casinos» à população interessada.

«Não temos tradição de sermos um destino de jogos, adiantou, frisando de seguida que «o investimento em turismo de jogo seria uma decisão politicamente difícil de sustentar, mas não seria uma das prioridades».

Mas, no Orçamento do Estado, o jogo tem um grande peso na decisão da aplicação das verbas do jogo para o turismo. O valor do volume de jogo de 2015 cifrou-se na ordem dos 1.400 milhões de euros nos casinos e bingo, ficando de fora o jogo online», informou Paulo Lopes, acrescentando que a verba gerada foi canalizada em parte para o Turismo de Portugal, e outras e outras entidades públicas. JM

uma adição», declarou Margarida Pocinho, lembrando que o «jogador compulsivo está sempre à espera de sair rapidamente do trabalho para ir jogar. Inclui-se se for preciso faltam com as suas obrigações, ou inventam desculpas à família, quando na realidade estão nos casinos ou no computador, no caso do jogo online».

JUVENS E O JOGO

«Dos 15 aos 18 anos são as idades em que os jovens estão mais permeáveis às experiências».

«Numa sociedade em que os pais estão cada vez mais envolvidos com os compromissos profissionais, os jovens ficam entregues a si mesmos. O jogo online pode ser, desta forma, sedutor».

«O jogo online é preocupante pelo facto de estar sempre à mão. Está no telemóvel, nos tablets, na escola...», considera Margarida Pocinho, alertando que os pais devem estar sob vigilância, mesmo quando os filhos são bem comportados ou apresentam bons resultados na escola. JM



Dos 15 aos 18 anos são as idades em que os jovens estão mais permeáveis às experiências.

Muitos jogadores portugueses optaram por emigrar para países como a República Checa

Jogo online parado em Portugal desde junho do ano passado

Desde o final de junho de 2015 que Portugal passou a ter uma lei sobre o jogo online.

Desde o final de junho de 2015 que Portugal passou a ter uma lei sobre o jogo online, sendo que a partir desse momento foi proibido jogar em sites autorizados.

O DN alegou que estes sites permitidos por lei ainda não existem pois não foi atribuída nenhuma licença para a sua exploração.

Contudo, há 11 entidades que apresentaram candidatura, estando o processo a decorrer, conforme informa o DN. Porém, até ao momento, não há uma previsão certa de quando serão entregues as autorizações, apesar de o governo anterior ter anunciado que esperava ver o sistema a funcionar no final do primeiro trimestre deste ano.

Essa ilegalização levou a que em seis meses de junho a dezembro tivessem sido encerrados 86 sites na sequência da



Os jogadores de pôquer sentem-se frustrados com esta situação.

intervenção do Serviço de Regulação e Inspeção de Jogos (SRJ).

Em boa verdade, os jogadores ficaram impedidos de utilizar

os casos de apostas, e se quiserem jogar têm de usar formas criativas de aceder aos sites contornando a proibição judicial. O profissional de pôquer on-

line, Miguel Alexandre Barros, argumenta que «este processo há muito se arrasta entre constantes adiamentos nas previsões de se poder voltar a jogar no

país», o que obriga a que muitos profissionais portugueses tenham emigrado para destinos como Brasil, Malta, Bulgária e República Checa, como no caso deste jogador de pôquer madeirense. Esta problemática afeta os jogadores profissionais, «os principais lesados», mas atinge também os jogadores amadores, que jogam nos seus tempos livres e que se veem agora privados do jogo.

«É no mínimo curioso e paradoxal o facto de quando não havia lei podíamos jogar, agora que há já não podemos», lamenta Miguel Barros.

«As principais previsões apontavam para o regresso do jogo online para outubro de 2015. Com todo este prolongamento da situação quem perde são os amantes desta modalidade, mas também Portugal que poderia estar a arrecadar receitas, provenientes desta atividade online. JM

Roberto Teixeira dedica-se às apostas desportivas online desde 2010, um "part-time" importante na sua vida

Apostas desportivas como um modo de vida



Com moderação, as apostas não são prejudiciais.

Roberto Teixeira não gasta da palavra jogar. Desde 2010 que é adepto de apostas desportivas, e diz encantar este mundo com um olhar profissional.

«Aquilo que eu faço neste momento é semelhante ao que um consultor da bolsa faz, isto é, analisa as condições, analisa as notícias e propõe comprar ou vender ações. Aquilo que eu faço é isso, mas no âmbito desportivo», como nos o economista de formação.

Este apostador não se dedica a tempo inteiro às apostas desportivas, mas revela que este tem sido um part-time com mais substância ao longo dos últimos anos. Natural da Ponta da Sol, mas residente em Lisboa há já 20 anos,

diz que existem, por agora, duas casas de apostas legalizadas, no último mês e meio. «Tivemos um vazio legal durante muitos anos. O Governo decidiu, finalmente, legalizar as apostas, que é um aspeto importante, mas a forma como foi tratada não teve muito mérito», lamenta o apostador desportivo, afirmando que em Portugal existe muita burocracia, quando comparado com outros países da União Europeia, especialmente com Reino Unido, que é considerado como o país esilibrado para apostar online.

Roberto Teixeira garante que muitos operadores desistiram de investir em Portugal devido à sua perda do jogo online.

«Muitos operadores portugueses tiveram de procurar alternativas, recorrendo a outros meios para operar em outros países, revela o apostador desportivo.

JOGAR COM DISCIPLINA

Roberto Teixeira considera que para fazer carreira online é necessário «disciplina, mentalidade e moderação». O aficionado por apostas desportivas compra a sua atividade à compra de ações na bolsa. No seu entender, não deve haver tanto protagonismo em torno das apostas online, até porque quem segue esta carreira tem de fazer muito uso da «moderação» e ter a noção de que «esta vida não é para todos». JM

